

Pontificar. (Para M. Lília)

Com que direito traduzo "hà" por "there is", ou "il y a", ou "es gibt", e aonde estou se assim faço? A questão da tradução (que é questão de universos e nada, ou de ordens e caos), está voltando a ser problema epistemológico e existencial de primeira grandeza. Os universos do discurso português, inglês, francês e alemão acima aludidos se recobrem parcialmente (formam zonas cinzentas), se penetram mutuamente (são "fuzzy sets"), mas seus respectivos núcleos são separados entre si por abismos. Em zonas cinzentas como em textos científicos, zonas estas nas quais praticamente os mesmos termos e as mesmas regras valem para todos os discursos, traduções se justificam; basta usar "autoridades" (por exemplo dicionários); e nas zonas de interpenetração, (sobretudo da penetração do inglês as demais línguas a dentro), traduções são redundantes (veja-se o erro francês de traduzir "aids" por "sida", ou "software" por "logiciel"). Mas o que justifica o salto de núcleo para núcleo, como no exemplo do "hà" mencionado?

Outrora havia especialistas em saltos: eram chamados "pontífices" (construtores de pontes). Por exemplo em Rôma: tratava-se de dar o salto da planície chata e política do "forum" para a colina elevada em forma de cabeça chamada "Capitolio", e os pontífices se encarregavam de fazer a ponte. Querer fazer atualmente pontes entre a chatagem política e a elevação cabeçuda (por exemplo entre um Presidente de República e um teórico dos quanta) não teria sentido: toda elevação é achatável. Seria fácil remover todas as sete colinas e encher com elas o vale do Tevere, sem necessidade da fé que move montanhas: máquinas o fazem melhor, e nivelam o universo "sacro" ao nível do universo "político" (de conversa fiada na feira). O problema da tradução, do salto entre universos, e portanto a necessidade de pontificar, se põe com urgência em terrenos diferentes do da qual o Papa é especialista. Disto um exemplo:

Outrora havia dois universos: o sublunar e o acima da lua, (o forum e o Capitolio simbolizam isto). Newton conseguiu unificar a mecânica celeste com a terrestre e acabou com tal distinção (nivelou o céu ao nível nosso, e tornou redundantes pontífices como Papas). Mas atualmente tal bela catolicidade newtoniana se evaporou e deu origem a três universos distintos. O universo do grande, no qual valem as regras do discurso einsteiniano, e no qual passeiam os astronautas. O universo do médio, no qual continuam valendo as regras newtonianas, e no qual nascemos e morremos. E o universo do pequeno, no qual valem as regras do discurso planckiano, e no qual explodem usinas nucleares. Por certo: os três universos se recobrem e formam zonas cinzentas; astronautas podem morrer no espaço, e ucranianos em torno de usinas. Mas isto não justifica traduzir "esta mesa" (parte do universo médio) por "curvatura de espaço-tempo" ou por "campo eletromagnético, gravitacional e das forças fraca e forte". Pontífices urgem.

O exemplo dado é apenas um entre numerosos possíveis. Mas mostra o problema: os universos dos astros, das mesas e dos quanta são universos "de discursos". Um universo de discurso é o conjunto dos significados de determinados símbolos ordenados por determinadas regras, isto é: de "línguas". O universo dos astros é o conjunto dos significados do discurso da astronomia. "Conhecer os astros" implica traduzir os algoritmos da teoria da relatividade para proposições da língua portuguesa. Isto é inviável. Pontífices urgem.

Diríamos ingenuamente que tudo é articulável portuguezmente. Daí o conjunto dos significados da língua portuguesa ser chamado "universo". Mas isto é engano. O português é incompetente para articular algoritmos, e para articular o significado de imagens, de composições musicais, e até de determinadas proposições alemãs, francesas e inglesas. O universo do discurso português exãui tais significados, é universo possivelmente em expansão, mas limitado. Monoglota crêm que o além do universo português é inefável. Wittgenstein é um tal monoglota, ao dizer que o que não pode ser falado (entenda-se em inglês) deve ser calado. Muito do não falável pode ser perfeitamente articulado por outro discurso, por exemplo por cifras, ou por cifras transcodadas em imagens. Depois vem um Wittgenstein brasileiro (ou alemão da escola de Frankfurt), procura dizer o significado de imagens fractais em tela de computador, e afirma que "não têm significado", porque não consegue inserir tais significados no seu universo. Pontífices urgem, e o exemplo mostra a nova "sacralidade" do pontificado.

Mas o problema persiste. Suponhamos que consigamos fazer pontífices: por exemplo aparelhos que traduzem automaticamente imagens em palavras portuguesas (à maneira dos "electronic intermixes" que transcodem imagens em sons e vice versa). Ou aparelhos ("inteligências artificiais") que traduzem automaticamente "esta mesa" em algoritmos da teoria da relatividade. Teríamos então pontes que passam pelos abismos entre os universos. Resta o problema: onde estão tais aparelhos, em que universo estão localizados? Não se diga que estão em meta-universo qualquer que abranja todos os universos. Isto não é possível por duas razões distintas. A primeira: todo universo a partir do qual traduzo é meta-universo daquele para o qual traduzo. Se traduzo "há" por "there is", o universo português é meta-universo do inglês, inclui tal universo. Prova de imperialismo de todos os universos. A segunda razão da impossibilidade de aparelhos meta-universais é esta: Um tal meta-universo deveria ser composto de situações do tipo "há" implica "there is" implica "il y a" implica "es gibt" e vice versa". Ora: isto significa que tal meta-universo não é "discurso", e não serve para aparelhos discursivos. Não podemos pois esperar que um belo dia estaremos capnamente sentados face a aparelhos que cuspem traduções de não importa que universo para não importa que universo. Papas automáticos e artificialmente inteligentes são inviáveis. Outro tipo de pontífices urge.

"Traduzir" é levar de um lado para o outro. "Metáfora" é o equivalente grego disto. "Uebersetzen" o equivalente alemão, e "překládat" o equivalente tcheco. São equivalentes, não identidades. Tradução e metáfora não são a mesma coisa. O próprio problema da tradução faz parte do universo do discurso português, e é a rigor intraduzível para o universo tcheco. Como pontificar quando a relação entre universos é tão confusa? Não é melhor deixar cair o problema, os braços? Isto não é viável, porque a rigor "pensar" e "traduzir" são sinónimos, e não apenas para políglotas. Kuh por exemplo mostrou que todo pensamento é metafórico, a não ser que seja tautologia: leva de um contexto para outro. De maneira que, embora pontificar seja talvez impossível, é imprescindível. Pontífices (mesmo se inviáveis) urgem.

Hã saída (embora curiosa) de tal aporia. Na escola aprendemos que traduções devem ser "tão fieis quanto possíveis, e tão livres quanto necessàrias", e engolimos tal absurdo sem matarmos a professorinha. Considerem tal receita para o pontificado. O problêma escolar é por exemplo traduzir do latim para o portuguez, "ab urbe condit de Tito Livio para sermos simples (jã que o texto é para là de chato). Ora, se quizermos ser fieis à coisa, devemos traduzir "a partir da cidade aterrizada". Tal fidelidade é excessiva, e torna se necessària a liberdade: "desde a fundação de Roma Tito livio, se pudesse saltar do tùmulo para o universo portuguez, seria de acordo? Pouco importa. A competência da lingua portugueza limita a fidelidade (a fé) e impõe liberdade. E isto permite curiosamente especificar o lugar ontico dos pontifices do futuro: estarão eles sentados no extremo limite dafé, là aonde liberdade e necessidade se co-implicam. O que é outra maneira de dizer-se que os futuros pontifices estarão sentados nos limites entre a ordem e o caos.

Tudo isto para justificar a tradução de "hã" por "there is"? Sim, mas também para justificar o mistério do "sacro". Hã ideologias para as quais o "sacro" està na lingua: "hachem hacadoch"=nome sacro, "logos spermatikos"-palavra criadora, "no início era o Verbo", "a palavra é a morada do Ser", e sobretudo o cabalismo judeu, para o qual o "exílio do espirito = galut lechekhinà" é dispersão de palavras. Ora: para nos os atuais, que somos obrigatoriamente poliglotos, o "sacro" està no abismo entre as palavras. Naquele silêncio gritante que nos chama para o pontificado. E tal silêncio grita sempre e em toda parte. For exemplo quando queremos traduzir do "hã" no "there is", quando queremos saltar por cima do nada. Pontifices urgem.